

# REFERENCIAÇÃO E MULTIMODALIDADE: REVISITANDO OS PROCESSOS DE RECATEGORIZAÇÃO E ENCAPSULAMENTO

## REFERENCIATION AND MULTIMODALITY: REVISITING THE RECATEGORIZATION AND ENCAPSULATION PROCESSES

Silvana Maria Calixto de Lima\*

### RESUMO

Na atualidade, o interesse pela abordagem dos textos multimodais tem sido crescente na área da Linguística de Texto (LT) praticada no Brasil, considerando que essa área de investigação, desde os seus primórdios, quase sempre deu primazia ao trato da linguagem verbal manifestada por meio de textos orais e escritos, configurando o que Custódio Filho (2011) chama de “verbocentrismo” praticado pela LT. Nesse contexto, apresentamos neste trabalho algumas reflexões advindas de estudos que desenvolvemos sobre a aplicação das categorias de análise da LT aos textos verbo-imagéticos, particularmente no que concerne à atividade de referenciação. Esses estudos contemplam especificamente os processos de recategorização e encapsulamento, cujos resultados preliminares vêm confirmando a validação da hipótese da existência de duas categorias as quais designamos como recategorização e encapsulamento imagéticos. Trazemos, assim, a análise de sete exemplares de textos verbo-imagéticos para descrever a configuração dessas categorias. Entendemos que nossa proposição demanda ainda uma extensão de definições já estabilizadas dos processos de recategorização e encapsulamento no âmbito da LT, tendo em vista contemplar os mais diversificados usos da linguagem.

**Palavras-chave:** Multimodalidade. Recategorização. Encapsulamento.

### ABSTRACT

*Nowadays, the interest in the approach of multimodal texts has been increased in the area of Text Linguistics (LT) practiced in the Brazil, considering that in this research area, since its beginnings, it has almost always given priority to the treatment of verbal language manifested through oral*

\* Professora do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí.

*and written texts, configuring what Custódio Filho (2011) calls the “verbocentrism” practiced by LT. In this context, we present some reflections from studies that we develop on the application of LT analysis categories to the verbal-imagistic texts, particularly regarding referenciation activity. These studies deal specifically with the recategorization and encapsulation processes, whose preliminary results have confirmed the validation of the hypothesis based on the existence of two categories which we call imagect recategorization and encapsulation. Therefore, we present analysis of seven copies of verbal-imagistic texts to describe the configuration of these categories. We believe that our proposition still demands an extension of definitions has already been stabilized of the recategorization and encapsulation processes in the context of LT, in order to contemplate the most diversified language uses.*

**keywords:** *Multimodality. Recategorization. Encapsulation.*

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo de sua trajetória, a Linguística de Texto (doravante LT) tem refinado a descrição de seu objeto de estudo em diferentes dimensões, de forma a prover uma maior compreensão de como se processa a construção dos sentidos do texto, seu objeto de estudo por excelência. Atualmente, a referida área vem investindo no trabalho com os textos multimodais, saindo da zona de conforto de investigação de textos verbais que lhe foi característica desde os seus primórdios.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões advindas da aplicação de categorias de análise da LT aos textos verbo-imagéticos. Nesse empreendimento, tratamos particularmente dos processos de recategorização e encapsulamento, apresentando distintas configurações desses processos na construção da modalidade textual investigada. Tais configurações permitem-nos conjecturar a existência de duas categorias que designamos preliminarmente como recategorização e encapsulamento imagéticos, conforme veremos no prosseguimento deste artigo.

Para o cumprimento desse objetivo, dividimos o artigo em duas seções, cujo conteúdo contempla, respectivamente, os dois processos sobre os quais propomos uma revisitação: a recategorização e o encapsulamento. Para o desenvolvimento de ambas as seções, inicialmente apresentamos os fundamentos teóricos que lhes dão sustentação, advindos da perspectiva da referenciação (MONDADA; DUBOIS, 1995) e de seus desdobramentos na classificação dos processos referenciais. De fato, nesse primeiro momento, fazemos um breve estado da arte, focalizando os pontos que convergem mais para os nossos interesses neste trabalho. Na sequência de cada uma das partes, empreendemos as reflexões que nos levam a conjecturar respectivamente as categorias da recategorização e do encapsulamento imagéticos. Essas reflexões são feitas a partir da análise de exemplares de textos verbo-imagéticos.

Por fim, tecemos considerações que dizem respeito ao todo da proposta do artigo e aos próximos passos para a sua maior consolidação, principalmente em termos da ampliação do universo investigado.

## 2 O PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO

Apothélos e Reichler-Béguelin (1995) é o trabalho que pode ser dito como precursor dos estudos sobre a temática da recategorização no âmbito da LT. A sua relevância é inquestionável

não só por servir de lastro às pesquisas que lhe sucederam, mas também pela forma acurada como os autores procuraram descrever o mecanismo linguístico da recategorização.

Tal mecanismo, em linhas gerais, foi por eles apresentado como uma estratégia de designação que permite aos interlocutores remodelar os objetos de discurso conforme os seus propósitos comunicativos. A abordagem do fenômeno engendrada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) fixa-se nos casos de transformações operadas pelo anafórico, daí por que o mecanismo é intitulado, nesse trabalho, como recategorização lexical. A esse respeito, argumentamos em Lima e Cavalcante (2015) que essa abordagem pioneira é de cunho mais textual-discursivo, uma vez que quase sempre seus pressupostos demandam a homologação da recategorização na superfície textual por meio de uma expressão referencial.

Não obstante a sua reconhecida importância, é natural que existam lacunas nesse estudo pioneiro que foram posteriormente discutidas em trabalhos<sup>1</sup> que ampliaram a descrição do fenômeno. Dentre esses trabalhos, elegemos Lima (2009) e Lima e Cavalcante (2015) para traçar uma trajetória da evolução dos estudos da recategorização que nos interessa mais de perto, exatamente por avançarem consideravelmente na abordagem do processo em termos descritivos.

Em Lima (2009), delineamos uma proposta de tratamento da recategorização numa perspectiva cognitivo-discursiva, a partir de uma interface entre a LT e a Linguística Cognitiva, considerando que a investigação das várias faces do fenômeno demandava o seu redimensionamento a partir do que fora postulado inicialmente por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Assim sendo, passamos a conceber a recategorização nos seguintes termos:

- i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais (LIMA, 2009, p. 57).

Essa definição contempla as várias possibilidades de ocorrência do mecanismo da recategorização tanto em textos verbais quanto multimodais, como ilustraremos no decorrer deste artigo, muito embora tenhamos restringido nossa abordagem, no citado trabalho, aos textos verbais, como salientamos em Lima e Cavalcante (2015).

O trabalho de Custódio Filho (2011) também traz uma importante contribuição na trajetória dos estudos da recategorização. O autor propõe uma subcategoria, designada como *recategorização sem menção referencial*, para referir-se aos casos de recategorização em que, *grosso modo*, o processo não é homologado na superfície textual por expressões referenciais pontuais usadas para identificar um dado referente no texto. Nesse caso, a recategorização é engatilhada a partir de um conjunto de pistas que se espriam na constituição do texto,<sup>2</sup> incluindo as predicções. De fato, embora Custódio Filho (2011) não trate diretamente de aspectos cognitivos na proposição dessa subcategoria, é notório que ela apresenta em sua concepção, mesmo que não seja de uma forma muito explícita, elementos de ordem cognitiva que lhe dão sustentação. Isso porque entendemos

<sup>1</sup> À guisa de ilustração, citamos Marcuschi e Koch (2002), Cavalcante (2005), Matos (2005), Vasconcelos Silva (2007), Ciulla e Silva (2008), Lima (2009), Custódio Filho (2011) e Lima e Cavalcante (2015).

<sup>2</sup> Remetemos ao trabalho do autor para maiores detalhes sobre a concepção dessa subcategoria.

que as inferências que possibilitam a reconstrução de recategorizações desse tipo estão ancoradas no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo, sendo sinalizadas pelas pistas linguísticas na quais se incluem as predicções.

Considerando esse contexto, propomos em Lima e Cavalcante (2015) que a referida subcategoria passasse a ser designada como *recategorização sem menção de expressão referencial*. Para nós, tal designação é melhor adequada em razão de que pode recobrir tanto os casos ilustrados por Custódio Filho (2011) quanto outros mais complexos de ocorrência do fenômeno, a saber:

1) quando o referente recategorizado não é homologado na superfície textual, mas a sua recategorização é confirmada por uma expressão referencial; 2) quando o referente é homologado na superfície textual por uma expressão referencial, mas a sua recategorização somente é construída no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo, porém evocada por outras pistas linguísticas; 3) quando nem o referente nem a sua recategorização são homologados por expressão referencial na superfície do texto, mas ambos elementos são inferidos a partir da ancoragem em modelos cognitivos evocados pelas pistas textuais (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 308).

A esses casos, acrescentamos agora uma quarta possibilidade que ratifica o pressuposto, já assumido por nós em outros trabalhos,<sup>3</sup> de que os referentes podem ser homologados também pela imagem.<sup>4</sup> Assim, entendemos que a imagem, além de introduzir um referente, tanto pode homologar a sua recategorização quanto evocar a sua reconstrução ancorada no plano cognitivo-discursivo. Desse modo, nos textos multimodais, é possível a ocorrência do processo de recategorização homologado por signos verbais, por signos não verbais ou numa relação de interdependência entre signos verbais e não verbais.

Exceto os casos em que o processo de recategorização é homologado por signos verbais por retomadas anafóricas correferenciais – e aqui não estamos nos referindo a sua ocorrência apenas em textos multimodais –, todos os demais estão recobertos pelo rótulo de *recategorização sem menção de expressão referencial*. Para tanto, consideramos que a ausência de menção de expressão referencial acontece toda a vez que um dos elementos do processo de recategorização (o referente ou a sua recategorização) deixa de ser homologado no texto por uma expressão referencial, daí a produtividade da mudança sugerida na designação primeira de Custódio Filho (2011), conforme já explicitamos.

Passemos agora à ilustração de cada um dos tipos de situações descritas do processo de recategorização aplicadas a textos verbo-imagéticos, para onde converge mais diretamente o nosso interesse neste artigo. Antes, porém, é preciso dizer que as funções discursivas do processo de recategorização também acompanham todos esses desdobramentos realizados ao longo da trajetória dos estudos dessa temática,<sup>5</sup> muito embora não tenhamos espaço, neste trabalho, para aprofundar essa questão tão importante.

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, Lima (2016).

<sup>4</sup> Como destacamos em Lima e Cavalcante (2015), essa posição já vem sendo assumida por outros pesquisadores da Linguística de Texto, a exemplo de Ramos (2007), Capistrano Júnior (2011) e de Silva (2013), só para citar alguns. Ainda mais recente, encontramos esse posicionamento em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

<sup>5</sup> Para um maior aprofundamento dessa temática, remetemos aos trabalhos de Matos (2005), Ciulla e Silva (2011) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

Iniciemos pelo meme 01, que tematiza o episódio das delações premiadas no interior da Operação Lava Jato.<sup>6</sup>

Figura 1 – Meme 01



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=magens+memes+opera%C3%A7ao-carne-fraca.html&source>  
Acesso em: 08 jun. 2017.

Nesse primeiro meme, identificamos duas recategorizações de referentes homologadas pela semiose imagética, as quais engatilham o teor cômico-irônico do texto. Trata-se da recategorização do referente *Sérgio Moro* como *um anjo* e do referente *Lula* como *um diabo*, numa clara alusão a existência de um embate entre o bem e o mal. Na cena do meme, ambos os referentes tentam persuadir o referente *João Vaccari* (ex-tesoureiro do Partido dos Trabalhadores-PT e um dos presos da Operação Lava Jato), homologado imageticamente, de ficar do lado que cada um deles representa. Os enunciados verbais por eles proferidos também contribuem para construir as recategorizações já descritas e isso fica bem marcado principalmente pelas expressões *delação premiada* e *liberdade remunerada*. Assim, mesmo as recategorizações sendo homologadas pela semiose imagética, não podemos deixar de considerar a relação de interdependência entre os modos verbal e imagético em sua constituição.

Há ainda outros elementos imbricados nessas recategorizações que servem como pistas para revelar a forma como o enunciador do meme constrói os dois referentes recategorizados. Referimo-nos às cores branco e vermelho utilizadas, respectivamente, na caracterização de *Sérgio Moro* e *Lula*. Essas cores também sinalizam para o embate entre o bem e o mal. Ademais, a cor vermelha ainda pode ser vista como uma referência ao PT, uma vez que é essa a cor característica desse partido.

Dessa forma, fica bem marcada a posição do enunciador com relação aos referentes recategorizados no meme: *Sérgio Moro*, que representa a justiça, é do lado do bem; *Lula*, que representa o PT, é do lado do mal. Não podemos esquecer que todas essas inferências são ancoradas também em modelos cognitivos/culturais que fazem parte da bagagem sociocognitiva dos interlocutores.

No próximo exemplo, temos outra ocorrência de recategorização imagética que engatilha a construção de sentidos do meme.

<sup>6</sup> Conjunto de investigações, em andamento, realizadas pela Polícia Federal do Brasil. Iniciada em 2014, essa operação investiga crimes de corrupção ativa e passiva envolvendo membros da administração da Petrobrás, políticos dos maiores partidos do Brasil, além de empresários de grandes empresas brasileiras.

Figura 2 – Meme 02

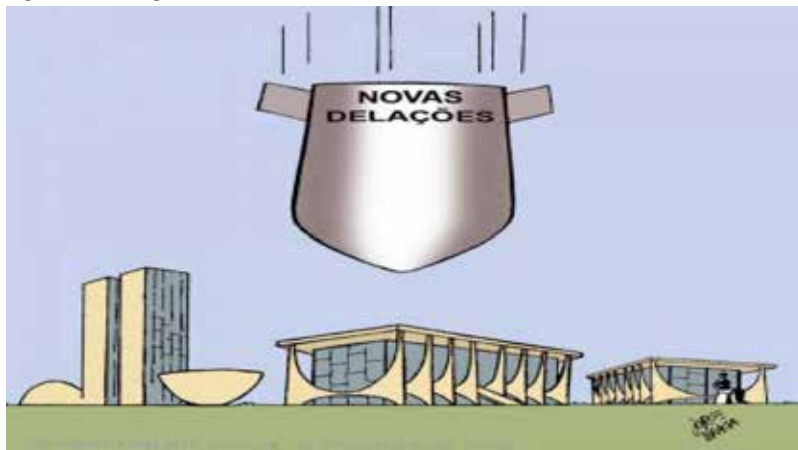


Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=image+memes+opera%C3%A7ao-carne-fracas.html&source>>  
Acesso em: 08 jun. 2017.

O meme da Figura 2 foi produzido no período da deflagração da Operação Carne Fraca.<sup>7</sup> Nesse contexto, ele repercute um dos fatos investigados pela operação que diz respeito à mistura de papelão nos derivados da carne comercializada por uma das grandes indústrias do gênero no Brasil. Assim, é a recategorização imagética do referente *boi* como *uma caixa de papelão* que marca o sentido cômico-irônico do texto. Porém, existe uma clara relação de interdependência da semiose verbal na construção dessa recategorização, uma vez que, na composição do meme, os enunciados que designam as partes ou tipos da carne do boi são essenciais para que se reconstrua o referente recategorizado imageticamente. Por um processo metonímico de partes pelo todo, tal referente é sinalizado no texto, sendo possível assim a sua reconstrução.

No próximo exemplo, temos uma ocorrência mais explícita do processo de recategorização, em relação aos dois primeiros textos analisados.

Figura 3 – Charge 01



Fonte: Disponível em <<https://www.chargeonline.com.br>> Acesso em: 05 set. 2017.

<sup>7</sup> Operação deflagrada pela Polícia Federal do Brasil, em março de 2017, com o objetivo de desarticular organização criminosa composta por fiscais agropecuários federais e empresários do agronegócio.

Na charge 1 (Figura 3), identificamos a recategorização imagética do referente *novas delações* como *um míssil* [preste a cair sobre o Palácio do Planalto em Brasília]. Essa charge também foi produzida no contexto dos desdobramentos da Operação Lava Jato, quando foi sinalizada a existência de novas delações que comprometiam figuras importantes ligadas ao Palácio do Planalto. Diferentemente dos dois primeiros exemplos, o referente recategorizado na charge é homologado por uma expressão referencial que aparece conjugada à própria imagem que o recategoriza, o que certamente confere a essa ocorrência de recategorização uma maior explicitude.

Outros referentes homologados imageticamente na charge, que compõem o conjunto arquitetônico dos poderes legislativo, executivo e judiciário da capital da república, também são fundamentais para a construção dos sentidos da recategorização ora descrita. Dessa forma, podemos dizer que o sentido cômico-irônico da charge, pretendido pelo enunciador, é desencadeado pela reconstrução da recategorização de que estamos tratando nesse exemplo.

Na sequência, como demonstraremos na análise dos exemplos das figuras 4 e 5, veremos como nem sempre o processo de recategorização acontece de forma tão explícita.

Figura 4 – Meme 03



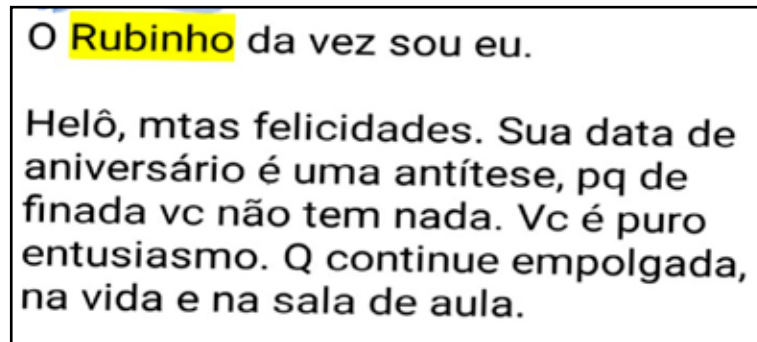
Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?q=memes+rubinho+atrasado&tbn=isch&imgil=wO2NAZp5nmpL\\_M%253A%253B7rOK1T0llxTPVM%253Bhttps%2525](https://www.google.com.br/search?q=memes+rubinho+atrasado&tbn=isch&imgil=wO2NAZp5nmpL_M%253A%253B7rOK1T0llxTPVM%253Bhttps%2525)>  
Acesso em: 07 set. 2017.

O meme da Figura 4 tematiza o referente *Rubinho Barrichello* (piloto da Fórmula 1 do Brasil), homologado pela semiose imagética. Os enunciados *Eu voto sim. Fora Collor!*, presentes na constituição do meme e empregados de forma extemporânea, são o mote para desencadear o seu efeito cômico. Isso em razão de que esse referente, considerando o seu baixo desempenho na Fórmula 1, passou a ser normalmente recategorizado como *uma pessoa lerda, atrasada*, aquela que não acompanha o tempo dos fatos.

Trazemos esse exemplo para destacar não apenas essa recategorização do referente ora apresentada, cuja reconstrução certamente demanda a evocação de conhecimentos partilhados pelos interlocutores em relação à forma como *Rubinho Barrichello* passou a ser reconhecido no anedotário popular. Além disso, as pistas verbais também são imprescindíveis nesse caso.

Importa-nos aqui chamar a atenção também para uma outra ocorrência de recategorização que dessa se deriva – se é que assim podemos dizer. Reportamo-nos a situações enunciativas em que o meme 03 (Figura 4) é postado em conversas de grupos de *whatsapp* para fazer referência a um membro que fez algum comentário ou postagem de fato com um significativo atraso, perdendo o tempo da interação.

Figura 5 – Postagem do Whatsapp 01



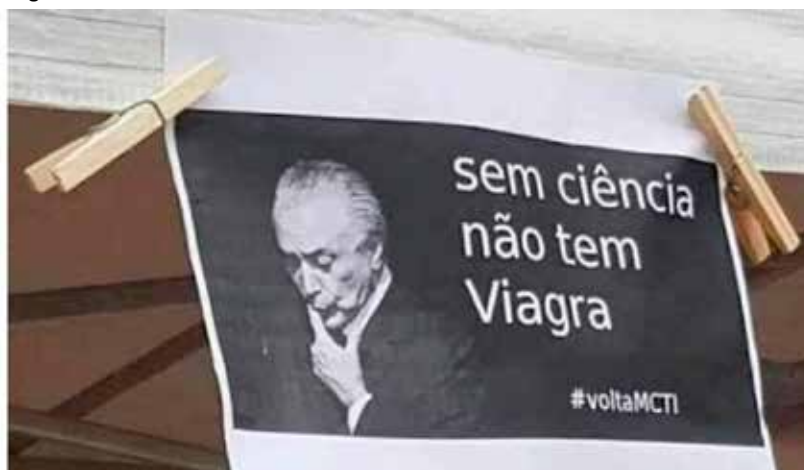
Fonte: Captura em *print screen* da página pessoal do *whatsapp* da autora.

Desse modo, quando um dos interlocutores assim o procede, entendemos que há uma recategorização do referente que caiu em falta (no caso, algum dos membros do grupo) como uma *pessoa lenta*, que só anda atrasada, ao modo como é construído o referente *Rubinho Barrichello* tematizado no meme. Nesse contexto, pode haver ocasiões em que esse mesmo referente que caiu em falta seja recategorizado, de forma mais explícita, pela expressão referencial *Rubinho*. Como exemplo, podemos citar a ocorrência da Figura 5, que diz respeito a uma interação no *whatsapp* em que um dos interlocutores não lembra de parabenizar uma colega do grupo e o faz com atraso. Interessante é que ele próprio se adianta e faz uma recategorização de si mesmo.

Esse tipo de recategorização pode ser considerado como de uma maior dependência do contexto enunciativo, pois é construída na situação imediata da interlocução. Vale ressaltar que ocorrências como essa confirmam uma modalidade de recategorização ainda pouco explorada, que pode ser homologada pela categoria do nome próprio por meio de uma expressão referencial, caso do exemplo anterior, ou ainda em conjunto com a semiose imagética, como vimos na apresentação do meme da Figura 4.

No último exemplo dessa sequência de ilustrações do processo de recategorização, trazemos outro contexto de ocorrência do fenômeno bastante interessante, como detalhamos após a apresentação da Figura 6.

Figura 6 – Cartaz 01



Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/312140/%E2%80%9CSem-ci%C3%A2ncia-n%C3%A3o-t>> Acesso em: 07 jul. 2017.



No exemplo da Figura 6, temos um cartaz de protesto contra o corte de verbas para a Ciência e Tecnologia realizado no atual governo do Presidente Temer no Brasil. O contingenciamento de verba na ordem de 44% foi recebido pelos pesquisadores como uma séria ameaça ao desenvolvimento da referida área.

Na composição desse cartaz, é evidente que a mescla dos modos semióticos verbal e imagético é fundamental para a construção de seus sentidos. Nessa mescla, identificamos uma ocorrência do processo de recategorização que engatilha todo o teor irônico que predomina na configuração do texto, mas também não se pode deixar de ver o seu lado cômico.

Essa recategorização não é homologada por nenhuma expressão referencial ou imagem, mas a sua reconstrução pode ser ancorada em modelos cognitivos evocados a partir de algumas pistas textuais (verbais e imagéticas), o que lhe confere um grau de explicitude bem menor em relação aos demais exemplos já analisados. Vejamos, então, como chegamos a sua identificação.

No cartaz, o referente *Presidente Michel Temer* é introduzido e homologado pela semiose imagética, para, na sequência, a partir do enunciado *Sem ciência não tem viagra*, sofrer uma remodelação que atende ao propósito do enunciador de mostrar que os cortes de verbas podem atingir, na carne, o seu próprio responsável direto, ou seja, o referente *Presidente Michel Temer*.

Assim sendo, o papel do enunciado *Sem ciência não tem viagra* não é apenas informativo, mas sim uma pista fundamental para a sugestão da recategorização do referente *Presidente Michel Temer* como *um homem impotente*, que certamente faz – ou pode vir a fazer – uso dessa medicação, dependendo, portanto, da Ciência. O modelo cognitivo de impotência masculina, evocado para a ancoragem dessa recategorização, é sinalizado tanto pela expressão *viagra*, por um processo metonímico, quanto pela própria imagem do referente de um homem idoso. Somado a isso, há a evocação também do conhecimento partilhado de que o referido referente é casado com uma mulher bem mais jovem do que ele. Todo esse conjunto de conhecimentos, que pode ser acionado a partir das pistas textuais, nos dá fundamento para a reconstrução dessa recategorização, muito embora, como já anunciamos, ela não seja homologada textualmente.

Entendemos que a menor explicitude dessa ocorrência de recategorização pode também funcionar como uma estratégia de preservação da face do enunciador, ao tempo em que o cartaz cumpre o seu propósito comunicativo de protesto.

Como vimos nas análises, temos diferentes possibilidades de configuração do processo de recategorização nos textos verbo-imagéticos. Não há dúvidas de que a hipótese da recategorização imagética se firma como válida nos exemplos apresentados.

Passemos, então, para o outro foco de nosso objetivo neste artigo.

### 3 O PROCESSO DE ENCAPSULAMENTO

No universo da LT, o processo referencial do encapsulamento, apesar de algumas flutuações terminológicas, é concebido basicamente como o resumo de uma porção textual homologado por uma expressão referencial anafórica, que pode ser tanto um sintagma nominal quanto um pronome, geralmente demonstrativo. Daí, portanto, o uso mais recorrente da expressão “encapsulamento anafórico” para designar tal fenômeno.

É assim que Conte ([1996] 2003), um dos trabalhos de referência sobre esse tema na literatura da área, o define:

Este termo [encapsulamento anafórico] descreve uma anáfora lexicalmente baseada, construída com um nome geral (ou um nome avaliativo, um nome

axiológico) como núcleo lexical e revela uma clara preferência por um determinante demonstrativo. [...] É um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto. Esta porção de texto (ou segmento) pode ser de extensão e complexidade variada (um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença) (CONTE, 2003, p. 178).

A autora apresenta o exemplo (1) destacando o sintagma *Este fato* como uma expressão anafórica encapsuladora responsável pela sumarização da porção precedente do texto, ou seja, o período que introduz o enunciado.

(1) A Verdade, profunda anomalia do nosso sistema de televisão, representa o peso do poder político. *Este fato* provocou uma excessiva fragmentação da rede privada, sobretudo no Centro-Sul (CONTE, 2003, p. 178).

Porém, ela pontua que as anáforas encapsuladoras não podem ser vistas como semelhantes aos exemplos-padrão de anáfora. Isso em razão de que os seus referentes têm um estatuto ontológico diferente, ou seja, não são indivíduos, mas entidades que designam estados de coisa, eventos, processos, fatos e proposições, dentre outros, conforme se pode constatar no exemplo (1).

Com algumas outras ponderações, em Francis ([1994] 2003), já encontramos essa mesma concepção do fenômeno como um recurso coesivo, embora ela opte pela designação de *rótulo*. A referida autora afirma que a principal característica do rótulo é a exigência de realização lexical em seu cotexto, acrescentando que este pode funcionar tanto catafórica quanto anaforicamente. Assim sendo, Francis ([1994] 2003) usa os termos prospectivo e retrospectivo para designar, respectivamente, os rótulos que precedem e sucedem a sua lexicalização. A expressão italicizada no exemplo (2) ilustra uma ocorrência de rótulo retrospectivo.

(2) O sistema imunológico dos pacientes reconheceu os anticorpos do rato e os rejeitou. Isso significa que eles não permanecem no sistema por tempo suficiente para se tornarem completamente eficazes. A segunda geração de anticorpos agora em desenvolvimento é uma tentativa de contornar *este problema* através da “humanização” dos anticorpos do rato, usando uma técnica desenvolvida por [...] (FRANCIS, [1994], 2003, p. 195).

Em relação ao posicionamento das autoras, Cavalcante (2003, p. 115) opta por tomar as duas categorias sob a terminologia de *encapsulamento*. Para ela, “encapsular consiste em resumir proposições do discurso empacotando-as numa expressão referencial, que pode ser um sintagma nominal – o qual tem recebido a denominação de “rótulo” Francis (1994) –, ou pode ser um pronome, geralmente demonstrativo”. A autora, portanto, comunga com o pensamento de Koch (2002), que acopla as duas categorias quando as refere como uma das funções cognitivo-discursivas das expressões nominais referenciais.

Zavam (2007) aborda essa flutuação terminológica praticada em torno da noção de encapsulamento dizendo que não existe nenhuma diferença conceitual entre as três designações empregadas na definição do fenômeno, ou seja, *anáfora encapsuladora*, *rótulo* e *encapsulamento*. A autora considera que, nos diferentes posicionamentos apresentados, “estariamos diante de uma expressão referencial encapsuladora, ou rotuladora, atualizada lexicalmente” (ZAVAM, 2007, p. 132).

Concordamos com o argumento de Zavam (2007), porém decidimos empregar, neste trabalho, a terminologia de Cavalcante (2003). Certamente que essa nossa opção não implica nenhum questionamento às demais. Consideramos que todas elas apresentam, em sua essência, a noção do fe-

nômeno do encapsulamento como uma atividade de sumarização ou de rotulação de uma porção textual erigindo um novo objeto de discurso.

Assim sendo, por economia, mas sem deixar de ressaltar que o encapsulamento tem servido como objeto de investigação para um grande número de estudos na LT,<sup>8</sup> vamos direto ao ponto que nos interessa destacar mais de perto na concepção desse processo, e que se relaciona a uma das hipóteses que defendemos neste artigo.

De fato, podemos dizer que a concepção de encapsulamento nos estudos de LT, até onde temos conhecimento, foi pensada para aplicação apenas no universo dos textos verbais. Prova disso está nos exemplos geralmente empregados na definição dessa categoria, como é o caso de (1) e (2). Não obstante, temos a convicção de que o fenômeno possa também abranger a composição de textos verbo-imagéticos, desde que assumamos o pressuposto de que a porção textual encapsulada não necessariamente precisa pertencer ao modo verbal.

Essa mesma posição já é assumida na tese de Nascimento (2014), embora o seu foco seja direcionado para outros desdobramentos dessa questão, principalmente porque a autora trabalha com a imagem em movimento.<sup>9</sup> Em suas análises, ela identifica imagens que têm a função de transmitir uma noção resumitiva de partes do texto (no caso, o próprio enredo do curta metragem analisado), o que a leva também a reconhecer essas ocorrências como encapsulamentos imagéticos. Não podemos deixar de registrar a importância dos *insights* de Nascimento (2014) para a proposta que estamos aqui desenvolvendo.

Assim, com base nas evidências que apresentamos na análise de dois textos verbo-imagéticos feita na sequência, defendemos, neste trabalho, a hipótese do encapsulamento imagético na configuração dessa modalidade textual. Isso necessariamente implica pensar essa categoria em consonância com uma concepção de texto de base sociocognitiva, que dá maior abertura para uma descrição mais refinada da diversidade de configurações textuais que estão surgindo na atualidade, dentre as quais destacamos os textos verbo-imagéticos.

Vejamos, então, o primeiro texto, um cartaz produzido como peça de uma campanha socio-educativa promovida pelo Ministério da Saúde do Brasil, no ano de 2012, para prevenção da AIDS, durante o período do carnaval.

Figura 7 – Cartaz 02



Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=cartazes+campanhas+de+sa%e>> Acesso em: 07 set. 2017.

<sup>8</sup> Como exemplo, citamos Vasconcelos Sá (2007) e Esteves (2017).

<sup>9</sup> A autora analisa a construção de referentes num texto verbo-audiovisual, o curta metragem *Vida Maria*, de Márcio Ramos.

No cartaz da Figura 7, identificamos, nos enunciados *Isso rola muito* e *Esperar por isso não rola*, duas ocorrências da expressão referencial *isso* na função de encapsulamentos. Contudo, a porção textual sumarizada apresenta-se no modo imagético e não no modo verbal, como é típico dos exemplos usados para a configuração dessa categoria.

Melhor dizendo, o primeiro caso de encapsulamento homologado pela expressão *isso* (*Isso rola muito*) pode ser dito como a sumarização da cena imagética que evoca o *frame* de relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo. A segunda ocorrência em *Esperar por isso não rola* encapsula uma outra cena, também dentro desse mesmo *frame*, que alerta para a necessidade do uso de preservativos nas relações sexuais.

Em ambos os casos, a expressão *isso* não faz remissão a nenhum referente imagético pontual das cenas descritas. De fato, ela homologa a construção de um novo referente que encapsula uma porção textual imagética. É exatamente esse tipo de ocorrência que estamos propondo chamar de encapsulamento imagético. Passemos, então, para o segundo exemplo, que também nos auxilia no desenho dessa categoria.

Figura 8 – Cartaz 03



Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=campanha+de+tr%C3%A2nsito+2017&tbm=isch&imgil>> Acesso em: 07 set. 2017.

Na composição do cartaz da Figura 8, que faz parte de uma campanha socioeducativa de trânsito, identificamos a expressão encapsuladora (*d*)esta cena em contexto semelhante ao da expressão *isso* do exemplo anterior. Ou seja, há, nesse exemplo, mais uma ocorrência do que estamos postulando como encapsulamento imagético, uma vez que a referida expressão resume uma porção textual imagética que evoca um *frame* de acidente de trânsito.

Nessa ocorrência, temos, porém, outro elemento que precisa ser considerado. Entendemos que a porção verbal *6.121 vítimas de acidente de trânsito* também deva compor o cenário que está sendo resumido pela expressão encapsuladora *desta cena*. Aceita essa possibilidade, compreendemos que a categoria conjecturada pode envolver somente a imagem, como vimos no exemplo anterior, ou a imagem em conjunto com um enunciado verbal, conforme identificado no exemplo ora analisado.

Diferentemente da recategorização imagética, em que já avançamos mais na sua descrição, temos ciência de que precisamos ainda ampliar o universo de investigação da categoria do encapsulamento imagético. O nosso objetivo, neste trabalho, é somente dar a conhecer essa nossa

conjectura no estudo do encapsulamento aplicado aos textos verbo-imagéticos, cujas reflexões devem ser vistas ainda como embrionárias. Contudo, além do que já descrevemos, os exemplos analisados, certamente por fazerem parte do gênero cartaz publicitário de campanha socioeducativa, já evidenciam que o encapsulamento imagético parece ter uma maior força argumentativa na construção do propósito comunicativo desse gênero. Entendemos que a visualização da cena imagética encapsulada tem a função de aproximar ou impactar os interlocutores, para persuadi-los a aderir às campanhas.

De fato, precisamos agora percorrer novos caminhos na direção de uma descrição mais refinada da categoria do encapsulamento imagético. Mas entendemos que o primeiro passo já foi dado.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para uma maior consolidação das reflexões feitas neste artigo, que conduzem principalmente à proposição das categorias da recategorização e do encapsulamento imagéticos, é necessário agora que trabalhem para o cumprimento de dois objetivos: i) ampliar a investigação dos contextos discursivos de realização dos fenômenos, a fim de prover uma descrição mais substancial das categorias propostas; ii) aprofundar a investigação das diferentes funções discursivas dos dois processos referenciais a partir dos gêneros textuais em que eles se manifestam.

Ademais, sabemos que este trabalho também endereça outras questões cuja discussão ainda deve ser ampliada, como é o caso da própria concepção de anáfora, que precisa ser redimensionada para dar conta também da diversidade das práticas discursivas que envolvem mais de um modo semiótico, a exemplo dos textos verbo-imagéticos que analisamos neste trabalho.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BEGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. (Eds.) *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.
- CAPISTRANO JÚNIOR, R. Ler e compreender tirinhas. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). *Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 227-235.
- CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 44, p. 105-118, 2003.
- CAVALCANTE, M. M. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges. Maria, BENTES, Anna Christina. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 125-149.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. P. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.
- CIULLA E SILVA, A. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.

- CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações*: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação, 2011. 330f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- ESTEVES, L. B. Funções discursivas dos processos referenciais de encapsulamento em artigos de opinião. 2017. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.
- FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante, Valéria Sampaio C. de Deus e Tathiane Paiva de Miranda. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- LIMA, S. M. C. de. *Entre os domínios da metáfora e metonímia*: um estudo de processos de recategorização. 2009. 204f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- LIMA, S. M. C. de. A construção de referentes em textos verbo-visuais: uma abordagem socio-cognitiva. *Intersecções* (Jundiaí), v.1, p.61 - 80, 2016.
- MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 31-56.
- MATOS, J. G. *As funções discursivas das recategorizações*. 2005. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. *TRANEL (Travaux Neuchâtelois de Linguistique)*, n. 23, p. 273-302, 1995.
- NASCIMENTO, S. S. O. *A construção multimodal dos referentes em textos verbo-audiovisuais*. 2014. 144f. Tese (Doutorado em Linguística), – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- RAMOS, P. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SILVA, F. O. *Formas e funções das introduções referenciais*. 2013. 127 f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2013.
- VASCONCELOS DE SÁ, J. O. *As funções cognitivo-discursivas das anáforas encapsuladoras*. 2007. 106f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2007.
- ZAVAM, A. São axiológicas as anáforas encapsuladoras? In: CAVALCANTE, M. M.; COSTA, M. H. A.; JAGUARIBE, V. F.; CUSTÓDIO-FILHO, V. (Org.). *Texto e discurso sob múltiplos olhares*: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.